https://doi.org/10.30681/traos.v10i1.12502

O discurso como infecção: análise do impacto do discurso negacionista de um chefe de estado durante e após a pandemia de COVID-19

Speech as infection: analysis of the impact of a head of state's denialist speech during and after the COVID-19 pandemic

Adriano Menino de Macêdo Júnior[1]
Centro Universitário Natalense

Clécio Danilo Dias da Silva[2]
Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Norte

Como citar este trabalho:
MACÊDO JÚNIOR, A. M. de; SILVA, C. D. D. da. O discurso como infecção: análise do impacto do discurso negacionista de um chefe de estado durante e após a pandemia de COVID-19. **Traços de Linguagem**, v. 10, n. 1, p. 140-162, 2026.

RESUMO: O estudo propõe uma *tese* **metafórica**, equiparando o discurso negacionista de um chefe de estado a uma doença infectocontagiosa. Utilizando como objeto de estudo o ex-presidente JMB e eventos durante e após seu mandato, período marcado pela crise do coronavírus e polarizações políticas de ultradireita, busca-se comparar variáveis epidemiológicas de uma doença com as práticas discursivas de JMB. Destaca-se a propagação dos discursos negacionistas durante a crise sanitária no Brasil, equiparando-os a agentes patológicos, e explora como esses discursos se espalham e afetam a sociedade cognitivamente. Destaca-se a importância dos "vetores", como líderes políticos e influenciadores, na disseminação desses discursos. Conclui-se que o discurso negacionista, equiparado a uma doença infectocontagiosa, é disseminado por líderes políticos, afetando a percepção coletiva e causando estresse emocional, e sua prevalência é medida pela disseminação de ideias negacionistas e sua influência na sociedade. A transmissão ocorre principalmente via redes sociais, destacando a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para controlar essa infecção discursiva, com ênfase na importância da comunicação política e da saúde pública na disseminação de informações precisas e na mitigação dos danos da desinformação.
PALAVRAS-CHAVES: Discurso. Infecção. Saúde Pública. Cognição.

ABSTRACT: The study proposes a metaphorical thesis, equating the denialist speech of a head of state with an infectious disease. Using former president JMB and events during and after his term as an object of study, a period marked by the coronavirus crisis and ultra-right political polarizations, we seek to compare epidemiological variables of a disease with JMB's discursive practices. It highlights the spread of denialist discourses during the health crisis in Brazil, equating them with pathological agents, and explores how these discourses spread and affect society cognitively. The importance of "vectors", such as political leaders and influencers, in the dissemination of these speeches is highlighted. It is concluded that denialist discourse, equated to an infectious disease, is disseminated by political leaders, affecting collective perception and causing emotional stress, and its prevalence is measured by the dissemination of denialist ideas and their influence on society. Transmission occurs primarily via social media, highlighting the need for an interdisciplinary approach to control this discursive infection, with an emphasis on the importance of political and public health communication in disseminating accurate information and mitigating the harm of misinformation.
KEYWORDS: Discourse. Infection. Public health. Cognition.

[1] Farmacêutico Epidemiologista pelo Centro Universitário Natalense – UNICEUNA. Graduado em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Pesquisador no Grupo de Estudo do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – GEDUERN. E-mail: adrianomenino2016@gmail.com.
[2] Doutor em Sistemática e Evolução e Mestre em Ensino de Ciências Naturais e Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Atualmente, é docente dos componentes curriculares de Ciências (Ensino Fundamental Anos Finais) e Biologia (Ensino Médio) pela Secretaria de Estado da Educação (SEEC-RN). Está vinculado ao Laboratório de Sistemática de Collembola (COLLEMBOLAB) do Departamento de Botânica e Zoologia do Centro de Biociências (DBEZ-CB).

Introdução

A perspectiva deste estudo, de certa forma, surge no século V, com o filósofo Aristóteles, que em sua obra *Retórica*, o autor propõe que a "retórica ocupa-se da arte da comunicação, do discurso feito em público com fins persuasivos" (Aristóteles, 2005, p. 33). Assim, a "retórica é, pois, uma forma de comunicação, uma ciência que se ocupa dos princípios e das técnicas de comunicação. Não de toda a comunicação, obviamente, mas daquela que tem fins persuasivos". Posteriormente, a retórica Aristotélica dividiu a retórica em três pilares: *ethos*, *logos* e *páthos*: "os meios artísticos de persuasão são três: os derivados do caráter do orador (*ethos*); os derivados da emoção despertada pelo orador nos ouvintes (*páthos*), e os derivados de argumentos verdadeiros ou prováveis (*logos*)" (Aristóteles, 2005, p. 33). Nesse sentido, o *ethos* seria um dos pilares que mais se aproxima do presente estudo, haja visto que esse pilar se refere a credibilidade do orador, e é particularmente relevante na análise do discurso político, pois se relaciona com a confiança e a autoridade percebidas pelo público em relação ao comunicador.

Com efeito de introdução e de embasamento, o presente estudo não analisará o *ethos* do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (doravante, JMB), ainda que esse pilar cause a persuasão de um auditório (seu cabo eleitoral) por aquele que fala (JMB), o enfoque aqui é defender como o discurso funciona metaforicamente como uma infecção a partir das falas do ex-presidente JMB no contexto de crise sanitária da COVID-19. Assim, abordamos a seguinte **problemática**: diante da disseminação do novo coronavírus e da crise sanitária resultante, surge a necessidade de compreender o papel do discurso político, particularmente o discurso negacionista de um chefe de estado, como um possível agente influenciador na dinâmica epidemiológica da pandemia e da polarização política. Nesse contexto, questiona-se como o discurso negacionista, exemplificado pelos discursos proferidos pelo ex-presidente JMB, pode ser equiparado a uma doença infectocontagiosa e quais são os efeitos dessa analogia na percepção coletiva, na propagação da doença e na resposta a emergências sanitárias.

Diante disso, o presente estudo se **justifica** em preencher lacunas, tais quais não abordadas no estudo de Macêdo Júnior *et al*., (2024) que apenas propôs inserir o discurso negacionista de um chefe de estado como variável epidemiológica em um contexto de emergência sanitária. Ao utilizar a **metáfora da doença infectocontagiosa** para compreender o impacto dos discursos negacionista de um chefe de estado, contribuímos para ampliar o escopo teórico e metodológico dos estudos sobre comunicação política e saúde pública.

Além disso, ao comparar variáveis epidemiológicas com as práticas discursivas do ex-presidente JMB, esta pesquisa busca estabelecer conexões entre o discurso político e os desfechos epidemiológicos da pandemia de COVID-19 e de polarizações políticas de ultradireita. Essa abordagem interdisciplinar oferece uma perspectiva holística para entendermos como os discursos políticos podem influenciar a saúde pública e, consequentemente, a formulação de políticas de comunicação e saúde mais eficazes e baseadas em evidências.

Portanto, o objetivo do presente estudo é defender a *tese* **metafórica** de que o discurso negacionista de um chefe de estado age de forma análoga a uma doença infectocontagiosa, tendo como objeto de estudo o ex-presidente JMB, durante e depois seu mandato presidencial, período marcado pela crise sanitária ocasionado pelo novo coronavírus, e por polarizações políticas de ultradireita. Por conseguinte, buscar-se-á comparar variáveis epidemiológicas (patologia, agente etiológico, patogênese, patologia, infecção, doença, sintomas, sinais incidência, prevalência, frequência, reservatório da

infecção, transmissão e vetores) de uma doença infectocontagiosa com as práticas e materialidades discursivas do ex chefe de Estado.

Metodologia

Com base nos objetivos propostos, o presente estudo visou responder a sua pergunta norteadora com o **método comparativo**, ou seja, a *tese* metafórica de que o discurso pode assumir caráter análogo a uma infecção viral. A resposta para esta pergunta problema foi ancorada nos postulados do teórico Gil (2002). Em seguida, buscou-se comparar as categorias de análises epidemiológicas, sendo elas: patologia, agente etiológico, patogênese, patologia, infecção, doença, sintomas, sinais incidência, prevalência, frequência, reservatório da infecção, transmissão e vetores, com as dinâmicas dos discursos proferidos pelo ex-presidente JMB, e como todos as variáveis epidemiológicas são análogas a esse contexto.

Em seguida, escolheu-se o **recorte sincrônico**, e como abordado anteriormente, o contexto investigativo foi o período do mandato de JMB, 2019 a 2022, e o primeiro semestre do ano de 2023, período marcado pela pandemia do novo coronavírus e tentativa de tomada de poder eleitoral por parte da oposição. Esse recorte sincrônico está ancorado na perspectiva de Faraco (2006). O presente estudo também se ancora nas abordagens **quantitativas** (corpora dispostos no decorrer do texto) e **qualitativas**. Assim, a escolha é respaldada pelos conceitos delineados por Marques *et al*. (2014), que fundamentam a abordagem qualitativa como aquela que busca compreender a realidade a partir da revelação e observação sistemática afim de capturar as percepções subjacentes.

Resultados

Nesta subseção, começamos com uma base teórica e conceitual da patologia, infecção e doença, à luz de autores como Tortora, Funke e Case (2012) e Neves, Lane de Melo, Linardi e Almeida Vitor (2016). De acordo com esses estudiosos, a **patologia** é definida como o estudo científico das doenças, derivando do grego ***páthos*** para sofrimento e ***logos*** para ciência. O principal foco de estudo da patologia é a causa, também conhecida como **etiologia** ou **agente etiológico**, que se refere ao agente causador ou responsável pela origem da doença, podendo ser um vírus, uma bactéria, um fungo, um protozoário ou um helminto.

Partindo dessa premissa, a patologia que visamos aqui compreender, são os agentes discursivos etiológicos que foram propagados na sociedade durante o mandato presidencial de JMB, período marcado pela crise sanitária ocasionada pelo SARS-CoV-2 (2020-2023), e por polarizações políticas de ultradireita. Ao fazer uma analogia entre o discurso negacionista como metáfora de uma doença infectocontagiosa, estamos sugerindo que o discurso de um líder político pode se espalhar de forma semelhante a um agente patogênico, influenciando o pensamento, as atitudes e os comportamentos da população. Assim como uma doença, o discurso pode se propagar de indivíduo para indivíduo, alimentando-se da vulnerabilidade de uma população suscetível. Essas assertivas são corroboradas com a figura 1, pela notícia veiculada pelo Jornal Poder360 (2021):

Figura 1 – Durante uma série de protestos contra os lockdowns, seguidores do ex-presidente JMB realizaram manifestações contra as medidas de restrição em pelo menos quatro Estados brasileiros. Os participantes criticaram os "lockdowns" impostos por governadores, realizando buzinaços próximos a hospitais, como ocorreu no Rio Grande do Sul, e promovendo protestos durante a manhã no Distrito Federal. Nesse contexto, sugere-se que todos os envolvidos nessas manifestações são portadores da patologia discursiva, refletindo uma condição de insanidade, desequilíbrio mental temporário ou crônico.



Fonte: Poder360 (2021).

Dessa maneira, o **agente etiológico**, por sua vez, são esses próprios discursos negacionistas, capazes de transmitir/influenciar a população a atos de terrorismo, antidemocratismo eleitoral, desinformação, mentiras, negação da gravidade da pandemia, e que promovem teorias conspiratórias. Esses discursos podem ser vistos como os elementos que infectam as mentes, causando alterações comportamentais na população, negando a realidade como forma de escapismo (ver figura 1), levando a consequências prejudiciais tanto em termos de saúde pública quanto de coesão social. Ver quadro 1.

Quadro 1 – Agentes etiológicos proferidos pelos vetores biológicos no auge das mortes pela COVID-19 (2020-2021).

2020		
Data	**Agentes discursos etiológicos**	**(nº) mortes**
09/03/2020	"Superdimensionado"	**0**
20/03/2020	"Gripezinha"	**11**
26/03/2020	"Brasileiro pula em esgoto e não acontece nada"	**77**
20/04/2020	"Eu não sou coveiro"	**2.584**
28/04/2020	"E daí, lamento. Quer que eu faça o que?"	**5.050**
19/05/2020	"Cloroquina" e "Tubaína"	**17.971**
02/06/2020	"A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo"	**31.199**
07/07/2020	"É como uma chuva, vai atingir você"	**66.741**
10/11/2020	"País de maricas"	**162.829**
17/12/2020	"Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso"	**184.827**
2021		
Data	**Agentes discursos etiológicos**	**(nº) mortes**
05/01/2021	"O Brasil está quebrado. Eu não consigo fazer nada"	**197.777**
22/01/2021	"Não está comprovada cientificamente", disse Bolsonaro sobre Coronavac	**215.243**
11/02/2021	"O cara que entra na pilha da vacina é um idiota"	**236.201**
04/03/2021	"Vai comprar vacina. Só se for na casa da sua mãe"	**260.970**
14/05/2021	"Se falar cloroquina é crime, falar em maconha é legal"	**432.628**
17/05/2021	"Tem alguns idiotas que até hoje ficam em casa"	**436.537**
09/06/2021	"Nunca vi ninguém morrer por tomar hidroxicloroquina"	**479.515**
17/06/2021	"Quem pegou o vírus está imunizado"	**496.004**
24/07/2021	"Se eu estivesse coordenando a pandemia não teria morrido tanta gente"	**549.448**
02/09/2021	"[Estou] melhor que o pessoal que tomou CoronaVac"	**581.914**

08/09/2021	“Covid apenas encurtou a vida delas por alguns dias ou algumas semanas”	**584.421**
02/12/2021	“Deixa eu morrer, problema é meu”	**615.179**
07/12/2021	“Quer fechar de novo, porra?”, disse sobre a Anvisa	**616.018**
07/12/2021	“Coleira que querem botar no povo brasileiro”, disse sobre passaporte vacinal	**616.018**
24/12/2021	“Não tá havendo morte de criança que justifique”	**618.392**

Fonte: Queiroz (2022); Painel Coronavírus (2023).

Posteriormente, o campo da patologia vai tratar da **patogênese**, que é o processo pelo qual um agente infeccioso se desenvolve e causa danos no hospedeiro. Por exemplo, o *S. mansoni* causa danos no corpo através da formação de granulomas a partir de seus ovos. Ademais, a **patologia** examina as alterações estruturais e funcionais resultantes da doença e seus efeitos finais no organismo. Além disso, à patologia também detém os termos doença e infecção, os quais às vezes são usados de forma intercambiável, apresentam semânticas distintas. Seguindo tal lógica, **infecção** refere-se à entrada e desenvolvimento, ou multiplicação, de um agente infeccioso dentro do organismo de humanos ou animais (incluindo vírus, bactérias, protozoários e helmintos); já a **doença** ocorre quando uma infecção resulta em qualquer alteração no estado de saúde do hospedeiro. Doença é um estado anormal no qual parte ou todo o organismo não funciona adequadamente ou é incapaz de realizar suas funções normais. Uma infecção pode ocorrer na ausência de doença detectável. Por exemplo, uma pessoa pode estar infecta da pelo vírus causador da AIDS, mas sem apresentar qualquer sintoma da doença (Tortora, Funke; Case, 2012; Neves, Lane de Melo, Linardi; Almeida Vitor, 2016).

Similarmente, o poder de **patogênese** da infecção discursiva reside na capacidade que esse agente etiológico tem de germinar dúvidas, desconfiança e até mesmo hostilidade em relação às medidas de saúde pública, como ignorar o isolamento social, à ciência estabelecida e às autoridades sanitárias. Durante essa fase de infecção, o discurso pode encontrar um terreno fértil em populações suscetíveis, que podem ser influenciadas por uma variedade de fatores, como desconfiança em instituições governamentais, falta de acesso a informações confiáveis ou predisposição a teorias conspiratórias, ver figura 4 e 5. À medida que o discurso negacionista se espalha, ele pode progredir para o estágio da doença, no qual suas consequências nocivas se tornam evidentes na sociedade. Isso pode incluir uma diminuição na adesão às medidas de saúde pública, como o distanciamento social e o uso de máscaras, aumento da hesitação em relação à vacinação, disseminação de teorias conspiratórias prejudiciais ao Sistema Único de Saúde (SUS), como as FakeNews, e até mesmo manifestações de hostilidade contra aqueles que promovem a ciência e as medidas de saúde pública. Exemplos das manifestações ocasionadas pela infecção discursiva durante a crise sanitária tem-se duas manchetes, respectivamente, Policia Militar de Mato Grosso[3] e BBC News Brasil[4], ver figuras 2 e 3, e trechos da reportagem no rodapé:

[3] “A Polícia Militar prendeu um homem (27 anos) por lesão corporal, na última terça-feira, em Sorriso. O suspeito agrediu uma funcionária de uma loja, após ela orientar o cliente a fazer o uso obrigatório da máscara de proteção dentro do estabelecimento comercial. Por volta das 14h, uma equipe da PM foi acionada via 190 para verificar uma ocorrência de agressão a uma mulher dentro de uma loja, no centro da cidade. Ao verificar a informação, os policiais localizaram a vítima. Ela contou que foi agredida por o ter orientado a colocar a máscara de proteção para entrar na loja. Testemunhas informaram ainda que o suspeito não obedeceu a recomendação e segurou a mulher pelo braço, ocasionando arranhões e lesões na funcionária. O homem foi detido e conduzido à delegacia” (Lima, 2020).

[4] “As agressões e movimentos antimáscaras na França se ampliam ao mesmo tempo em que as autoridades vêm reforçando a obrigatoriedade do equipamento em diferentes locais. Após o fim do confinamento, em meados de maio, houve um relaxamento de parte da população, sobretudo a mais jovem, em relação às medidas de proteção contra a pandemia. [...] Movimentos antimáscaras começaram a aparecer em manifestações contra o confinamento nos Estados

Figuras 2 e 3 – Indivíduos expressando manifestações de infecção discursiva.



Fonte: Lima (2020); Fernandes (2020).

Figura 4 – Grupos de manifestantes antidemocráticos comemorando um pseudo discurso (agente etiológico), reproduzido pelo vetor biológico (JMB), disseminada pelos canais de transmissões midiáticos (Telegram, WhatsApp, etc.) e causando a sintomatologia da distorção da realidade[5].



Fonte: Carta Capital (2022).

Unidos e depois se espalharam por países como Alemanha, Canadá, Reino Unido e França, onde começam a se expandir nas redes sociais e já reúnem algumas milhares de pessoas" (Fernandes, 2020).

[5] "Um grupo de manifestantes bolsonaristas comemorou, nesta terça-feira 1, a falsa prisão do ministro e presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Alexandre de Moraes. Um vídeo feito pelo repórter da Rádio Gaúcha, Cid Martins, mostra o momento em que apoiadores do presidente Jair Bolsonaro gritam, choram e sacodem a bandeira do país, no centro de Porto Alegre, comemorando a desinformação" (Carta Capital, 2022).

Figura 5 – **“**Bolsonaristas comemoram prisão ‘fake’ de Alexandre de Moraes durante ato em Porto Alegre”.



Fonte: Martins (2022).

Desse modo, essa fase de doença é caracterizada pelo impacto negativo do discurso negacionista na saúde pública e na resposta eficaz à pandemia. Isto é, pode resultar em um aumento nos casos de COVID-19, sobrecarga dos sistemas de saúde, disseminação de informações falsas que minam a confiança no processo científico e na autoridade das instituições de saúde, bem como das próprias universidades que gerem pesquisas importantes, e divisões sociais que dificultam os esforços de cooperação e solidariedade necessários para enfrentar a crise de saúde pública. Por isso, essa fase da infecção pode resultar na alienação total da população infectada, provocando surto de psicóticos de raiva/agressividade, transferência da consciência para uma realidade paralela e perda da conexão e distorção da própria realidade.

Além disso, toda condição que impacta o corpo humano resulta em alterações específicas em suas estruturas e/ou funções, e essas mudanças são percebidas por meio de várias formas de evidência. Por exemplo, o paciente pode experimentar **sintomas** particulares, ou modificações em funções corporais, como dor ou mal-estar (um desconforto corporal geral e vago). Essas alterações subjetivas não são visíveis a um observador externo. Além disso, o paciente pode apresentar **sinais**, que são mudanças objetivas que um médico pode observar e medir (Tortora, Funke; Case, 2012; Neves, Lane de Melo, Linardi; Almeida Vitor, 2016).

No que se refere aos sinais e sintomas no contexto epidemiológico, os sinais frequentemente observados podem incluir lesões (alterações nos tecidos causadas pela doença), inchaço, febre e paralisia. Um conjunto específico de sintomas e sinais que ocorrem consistentemente com uma determinada condição é chamado de síndrome. O diagnóstico de uma condição é estabelecido através da avaliação dos sinais e sintomas, juntamente com os resultados de testes laboratoriais (Tortora, Funke; Case, 2012; Neves, Lane de Melo, Linardi; Almeida Vitor, 2016).

Da mesma forma, a infecção discursiva pode se manifestar de várias maneiras na população. Isso inclui desconfiança nas autoridades de saúde e especialistas (médicos, enfermeiros, farmacêuticos, Ministério da Saúde), propagação de desinformação e teorias da conspiração contra a própria entidade de Saúde Pública, negligência das medidas de prevenção, divisões sociais e polarização política, e impacto na saúde mental. Esses **sinais** e **sintomas** refletem uma falta de adesão às diretrizes de saúde pública e podem aumentar o risco de transmissão do vírus, além de contribuir para o estresse emocional e a alienação social. Ver figuras 6 e 7.

Figura 6 – A reportagem publicada pelo Diário de São Paulo (2022) destaca: “Patriota do caminhão: bolsonarista que viajou pendurado comenta sobre vídeo que viralizou”. Durante o ato antidemocrático das eleições presidenciais, observa-se Junior Cesar Peixoto exibindo sintomas de insanidade temporária, desespero e perda de discernimento, atribuídos à infecção discursiva.



Fonte: Cardozo (2022).

Figura 7 – Uma outra manchete que ilustra a presença de pessoas com infecção discursiva é a divulgada pelo UOL Notícias (2022): “BOLSONARISTAS erguem ‘muro das lamentações’ em QUARTEL no Rio de Janeiro’. O sintoma da angústia é claramente perceptível na imagem associada à notícia.



Fonte: UOL Notícias (2022)

Logo depois, para compreender completamente a extensão de uma infecção, é necessário ter algum conhecimento sobre sua incidência. A **incidência** de uma doença refere-se ao número de pessoas em uma determinada população que desenvolvem a doença durante um período específico. Este é um indicador importante da propagação da doença na comunidade. Por outro lado, a **prevalência** de uma doença representa o número total de pessoas em uma população que têm a doença em um determinado momento, independentemente de quando ela tenha se manifestado inicialmente. A prevalência leva em consideração tanto os casos existentes quanto os novos casos. Essa medida é indicativa da magnitude da doença e da duração de sua presença na população (Tortora, Funke; Case, 2012; Neves, Lane de Melo, Linardi; Almeida Vitor, 2016).

Do mesmo modo, a **incidência** da infecção discursiva em uma população durante a pandemia pode ser observada pela disseminação de ideias e discursos negacionistas por meio de diferentes canais de comunicação, como mídias sociais (Instagram, Telegram Web, WhatsApp, Twitter), discursos políticos e plataformas de notícias (sites eletrônicos). A **prevalência** da infecção discursiva pode ser medida pelo número de

indivíduos que adotam e propagam essas ideias negacionistas, bem como pela extensão de sua influência na sociedade. A prevalência também pode variar de acordo com fatores socioeconômicos, culturais e políticos, afetando diferentes grupos populacionais de maneira desigual.

Outrossim, a **frequência** de ocorrência é outro critério utilizado para classificar uma doença. Logo, se uma determinada doença ocorre apenas ocasionalmente, ela é considerada uma doença **esporádica**; um exemplo disso é a febre tifoide nos Estados Unidos. Uma doença que está constantemente presente em uma população é chamada de **endêmica**; o resfriado comum é um exemplo típico disso. Quando muitas pessoas em uma determinada região adquirem uma certa doença em um período de tempo relativamente curto, ela é designada como **epidêmica**; a gripe causada pelo vírus influenza é um exemplo claro de uma doença que frequentemente assume um estado epidêmico. Uma doença epidêmica que se espalha por toda a população mundial é chamada de **pandêmica** (Tortora, Funke; Case, 2012; Neves, Lane de Melo, Linardi; Almeida Vitor, 2016).

Sob o mesmo ponto de vista epidemiológico, a infecção discursiva pode se manifestar com diferentes frequências na população brasileira consoante sua frequência. Quer dizer, a **frequência endêmica** ocorre quando o discurso negacionista é presente em pequenos grupos ou comunidades isoladas, muitas vezes relacionadas a crenças específicas ou desinformação localizada. Por outro lado, a **frequência epidêmica** é observada quando o discurso negacionista se espalha amplamente dentro de uma região ou país, afetando uma grande parte da população e gerando impactos negativos para a Saúde Pública. Finalmente, a **frequência pandêmica** ocorre quando o discurso negacionista atinge uma escala global, influenciando não apenas o Brasil, mas também outros países e regiões do mundo. Como se pode ver, essa disseminação generalizada pode levar a consequências graves, como o aumento da propagação do vírus e a elevação das taxas de contaminação e mortalidade.

Durante o curso de uma infecção e doença, geralmente ocorre uma sequência predefinida de eventos. Para que uma doença infecciosa se desenvolva, é necessário que haja um reservatório de infecção como a fonte do patógeno. Por conseguinte, o patógeno deve ser transmitido a um hospedeiro suscetível por meio de contato direto, contato indireto ou vetores. A transmissão é seguida pela invasão, na qual o micro-organismo penetra no hospedeiro e começa a se reproduzir. Após a invasão, o micro-organismo causa danos ao hospedeiro por meio de um processo conhecido como patogênese. Apesar dos efeitos de todos esses fatores, a ocorrência de uma doença em última instância dependerá da resistência do hospedeiro às atividades do patógeno (Tortora, Funke; Case, 2012; Neves, Lane de Melo, Linardi; Almeida Vitor, 2016).

Para que uma doença persista, é fundamental que haja uma fonte contínua do organismo causador da doença. Essa fonte pode ser um organismo vivo ou um objeto inanimado que fornece ao patógeno as condições ideais para sua sobrevivência, multiplicação e oportunidade de transmissão. Essa fonte é conhecida como reservatório de infecção e pode incluir seres humanos, animais ou objetos inanimados. No contexto deste estudo, focamos especialmente no reservatório de infecção humano, haja vista que o homem é o hospedeiro único e definitivo da infecção discursiva. Desse modo, muitas pessoas abrigam patógenos e podem transmiti-los diretamente ou indiretamente para outros indivíduos. A saber, pessoas que apresentam sinais e sintomas de uma doença têm o potencial de transmiti-la; além disso, algumas pessoas podem ser portadoras e transmitir patógenos sem manifestar qualquer sinal ou sintoma de doença. Essas pessoas, conhecidas como portadores, desempenham um papel crucial como reservatórios vivos

de infecção (Tortora, Funke; Case, 2012; Neves, Lane de Melo, Linardi; Almeida Vitor, 2016).

Alguns portadores têm infecções assintomáticas, ou seja, nunca manifestam sinais ou sintomas da doença. Outros, como aqueles com infecções latentes, carregam o agente causador da doença durante períodos assintomáticos, incluindo o período de incubação (antes dos sintomas aparecerem) ou durante o período de convalescença (durante a recuperação) (Tortora, Funke; Case, 2012; Neves, Lane de Melo, Linardi; Almeida Vitor, 2016).

Analogamente, a infecção discursiva encontra no ser humano seu reservatório principal, sendo este o hospedeiro único e definitivo para o agente etiológico do discurso negacionista. Por outras palavras, o ser humano, ao ser exposto a etiologia dos discursos negacionistas, torna-se o veículo primário para a disseminação dessas ideias, tanto por meio da comunicação direta quanto indireta. Como reservatório humano, os indivíduos que propagam e adotam discursos negacionistas tornam-se essenciais para a perpetuação e propagação dessa forma de pensamento, contribuindo para a contínua circulação e aceitação dessas ideias na sociedade. Assim, o homem atua como um reservatório dinâmico, influenciando a disseminação e o impacto do discurso negacionista no contexto de crises sanitárias.

Logo depois, no que se refere à **transmissão**, os agentes causadores de doenças podem ser transferidos do reservatório de infecção para um hospedeiro suscetível por três principais vias: contato, veículos ou vetores. A transmissão por contato envolve a propagação de um agente infeccioso por meio de contato direto, indireto ou através de gotículas. O **contato direto**, também conhecido como transmissão pessoa a pessoa, ocorre quando um agente é transmitido por meio de contato físico entre sua fonte e um hospedeiro suscetível, sem o envolvimento de um objeto intermediário. Já o **contato indireto** ocorre quando o agente infeccioso é transferido de seu reservatório para um hospedeiro suscetível por meio de um objeto inanimado. A **transmissão por veículo** se refere à disseminação de um agente infeccioso através de um meio como água, alimentos ou ar. Outros veículos podem incluir sangue ou outros fluidos corporais, drogas e fluidos intravenosos (Tortora, Funke; Case, 2012; Neves, Lane de Melo, Linardi; Almeida Vitor, 2016).

Por analogia, a transmissibilidade da infecção discursiva ocorre principalmente por meio do contato direto e indireto entre os indivíduos. No **contato direto**, o agente etiológico discursivo é transmitido de pessoa para pessoa através de interações físicas próximas, como conversas presenciais, abraços, apertos de mão e outros gestos de proximidade. Por exemplo, em eventos políticos, culturais e religiosos ou manifestações, no qual as pessoas se reúnem em grande número e compartilham opiniões, os discursos negacionistas podem ser disseminados diretamente de um indivíduo para outro.

Já no **contato indireto**, o agente etiológico é transmitido por meio de objetos contaminados, superfícies ou ambientes nos quais as ideias negacionistas são propagadas. Por exemplo, em redes sociais e meios de comunicação de massa, no qual discursos negacionistas são disseminados amplamente, as pessoas podem ser expostas indiretamente a essas ideias ao acessarem posts, outdoor, banners, vídeos ou notícias que as promovam.

Além disso, os **veículos** de transmissão do agente etiológico da infecção discursiva podem incluir mídias digitais, como plataformas de redes sociais, sites de notícias e aplicativos de mensagens instantâneas, onde os discursos negacionistas são compartilhados e difundidos rapidamente. Esses veículos facilitam a disseminação das ideias negacionistas para um grande número de pessoas em um curto período de tempo, contribuindo para a propagação da infecção discursiva na população. Ver figura 8.

Figura 8 – Meios de comunicação responsáveis por propagar a pandemia de infecção discursiva por todo o Brasil durante a crise sanitária desencadeada pelo novo coronavírus e pelas polarizações políticas de extrema-direita.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Finalmente, devemos considerar os **vetores**. Estes são organismos como artrópodes, moluscos ou outros veículos que transmitem o parasita entre dois hospedeiros. Os artrópodes são o grupo mais significativo de vetores de doenças – animais que transportam patógenos de um hospedeiro para outro. Os vetores artrópodes podem transmitir doenças por meio de dois mecanismos distintos. No **vetor mecânico**, o parasita não se multiplica nem se desenvolve no vetor; este apenas atua como meio de transporte. Um exemplo disso é quando *Tungas penetrans* transportam esporos de fungos mecanicamente. Por outro lado, no **vetor biológico**, o parasita se multiplica ou se desenvolve no vetor. Por exemplo, o *T. cruzi* no *T. infestans* e o *S. mansoni* no *Biomphalaria glabrata* (Tortora, Funke; Case, 2012; Neves, Lane de Melo, Linardi; Almeida Vitor, 2016).

Ainda no que diz respeito aos **vetores**, trata-se de um artrópode, molusco ou outro veículo que transmite o parasito entre dois hospedeiros. Os artrópodes formam o mais importante grupo de vetores de doenças – animais que transportam patógenos de um hospedeiro a outro. Os vetores artrópodes podem transmitir doenças por dois mecanismos vetoriais. O vetor **mecânico** é quando o parasito não se multiplica nem se desenvolve no vetor, este simplesmente serve de transporte. Exemplo: Tunga penetram veiculando mecanicamente esporos de fungo. Já o vetor biológico é quando o parasito se multiplica ou se desenvolve no vetor. Exemplo: o *T. cruzi*, no *T. infestans*; o *S. mansoni*, no *Biomphalaria glabrata*. (Tortora, Funke; Case, 2012; Neves, Lane de Melo, Linardi; Almeida Vitor, 2016).

Assim como na propagação de uma doença infecciosa, os vetores desempenham um papel fundamental na disseminação dos discursos negacionistas na sociedade. Os **vetores mecânicos** da infecção discursiva incluem plataformas de comunicação online, como redes sociais, fóruns de discussão e aplicativos de mensagens. Nestes ambientes digitais, os discursos negacionistas podem ser compartilhados rapidamente entre os usuários, amplificando sua disseminação e alcance. Por exemplo, a viralização de um vídeo ou postagem que promove ideias negacionistas pode levar a um aumento exponencial na sua visibilidade e impacto. Por outro lado, a extrema/ultra direita pode ser vista como um vetor mecânico, materializando/transportando narrativas falsas (FakeNews) e promover o negacionismo.

Já os **vetores biológicos** da infecção discursiva referem-se a indivíduos que atuam como portadores e transmissores dos discursos negacionistas em interações sociais

diretas. Isso pode ocorrer em conversas presenciais, reuniões sociais ou eventos públicos onde as ideias negacionistas são compartilhadas e propagadas de pessoa para pessoa. Líderes políticos, influenciadores e figuras de autoridade que adotam discursos negacionistas também funcionam como vetores biológicos ao disseminar essas ideias em seus discursos e declarações públicas.

Durante o contexto pandêmico, é possível fazer uma analogia metafórica em que o ex-presidente JMB atuou como um vetor biológico, disseminando discursos negacionistas por meio de suas declarações em entrevistas, pronunciamentos e redes sociais. Sua posição de liderança e visibilidade pública amplificou o alcance desses discursos, contribuindo para a propagação de informações falsas e minimização da gravidade da pandemia.

Figura 9 – "Bolsonaro fez uma série de apelos públicos para o uso da hidroxicloroquina como suposto 'tratamento precoce' contra a covid-19".



Fonte: Idoeta (2021).

Figura 10 – Na reportagem veiculada pelo Correio Braziliense Acervo (2020), em sua live semanal, nas quintas-feiras, "Bolsonaro diz estar bem e que foi tratado para covid-19 com cloroquina: Reação quase imediata."[6]



Fonte: Correio Braziliense Acervo (2020).

[6] "Tomei a cloroquina e a azitromicina. O primeiro comprimido ontem (segunda-feira), foi ministrado e confesso que depois da 0h eu consegui sentir uma melhora. Às 5h, tomei o segundo comprimido de cloroquina e estou perfeitamente bem, afirmou o presidente. A reação foi quase imediata. Poucas horas depois, eu já tava me sentindo muito bem, acrescentou. Bolsonaro é defensor do uso da hidroxicloroquina, apesar de não haver estudos conclusivos sobre a eficácia do medicamento contra o novo coronavírus. O debate sobre o protocolo de uso do remédio em hospitais da rede pública, inclusive, culminou na saída do médico Nelson Teich do Ministério da Saúde, em 15 de maio. Desde

Durante o contexto pandêmico, é possível fazer uma analogia metafórica em que o ex-presidente JMB atuou como um **vetor biológico**, disseminando discursos negacionistas por meio de suas declarações em entrevistas, pronunciamentos e redes sociais. Sua posição de liderança e visibilidade pública amplificou o alcance desses discursos, contribuindo para a propagação de informações falsas e minimização da gravidade da pandemia.

Discussão

A teoria da dissonância cognitiva, embasada na psicologia social, fornece arcabouço para compreender os **sinais** e **sintomas** da infecção discursiva, conforme evidenciado nos resultados apresentados. A psicologia social, ramo da ciência supramencionada, que investiga as influências sociais sobre o comportamento humano, destaca-se como o campo que examina como os indivíduos pensam, percebem e influenciam uns aos outros (Myers, 2014). A dissonância cognitiva, um tema central na psicologia social, originou-se das pesquisas pioneiras de Leon Festinger, professor da Universidade de Stanford, nos anos 50 (Silva Andrade, 2019). Ela explora como os seres humanos naturalmente mantêm crenças consonantes (coerentes, compatíveis ou correspondentes), ou dissonantes (incoerentes, incompatíveis ou discordantes) entre diferentes conjuntos de ideias ou convicções (Festinger, 1975).

Logo depois, Festinger (1975) focou em entender a tensão psicológica quando uma pessoa percebe pensamentos ou crenças contraditórias (dissonantes) sobre um assunto relevante, resultando na dissonância cognitiva. A coerência consigo mesmo e com os outros é valorizada, então o conflito entre ideias, sentimentos ou comportamentos causa desconforto e tensão devido à falta de harmonia entre pensamentos ou crenças importantes. A intensidade da dissonância depende da importância dos elementos cognitivos em contraste (Festinger, 1975). A dissonância cognitiva pode surgir de inconsistências lógicas entre ideias, diferenças culturais, defesa de opiniões opostas ou experiências passadas. Ela ocorre quando alguém percebe duas cognições relevantes e discrepantes. A teoria destaca que "a presença de dissonância leva a pressões para reduzi-la e evitar seu aumento. Isso pode resultar em mudanças de comportamento, de cognição e busca por novas informações" (Festinger, 1975, p. 22).

Nesse sentido, o ser humano tende a modificar suas ações e incorporar seletivamente novas informações para manter a consistência e alcançar coerência entre cognições conflitantes. Estudos comportamentais e de neurociência (Jarcho; Berkman; Lieberman, 2011) têm examinado a atividade cerebral antes e depois de decisões que geram dissonância cognitiva. Embora não elucidem completamente os mecanismos neuro cognitivos por trás da mudança de atitude, descobertas indicam que ocorrem ativações neurais rápidas e involuntárias associadas a essa mudança para aliviar o sofrimento psicológico. A teoria da dissonância cognitiva destaca que os indivíduos ajustam seus pensamentos ou atitudes para manter a coerência entre crenças contraditórias, aliviando a tensão psicológica que isso gera. A busca pela consonância e a reconciliação de cognições discrepantes são aspirações naturais do ser humano (Festinger, 1975).

No entanto, o que tornou a pesquisa de Festinger tão marcante foi sua descoberta de que as pessoas tendem a reduzir ou eliminar a dissonância mais através da mudança de atitudes pessoais do que abandonando suas crenças ou opiniões anteriores. O indivíduo

então, a pasta está sem um titular, sob o comando interino do general Eduardo Pazuello" Correio Braziliense Acervo (2020).

busca seletivamente informações que confirmem sua crença inicial ou sua decisão inicial. Um exemplo elucidativo é o do fumante regular alertado sobre os danos à saúde causados pelo tabaco, conforme ilustrado por Festinger (1975, p. 15):

> Esse conhecimento é certamente dissonante com a cognição de que continua a fumar. Se estiver certa a hipótese de que haverá pressões para reduzir essa dissonância, o que se esperaria que essa pessoa faça? 1. Ela poderá simplesmente mudar a sua cognição sobre o seu comportamento modificando as suas ações; isto é, poderá deixar de fumar. Se já não fuma mais, então a sua cognição do que faz é consonante com o seu conhecimento de que o fumo é nocivo à saúde. 2. Ela poderá mudar os seus 'conhecimentos' sobre os efeitos do fumo. Isso parece ser uma forma algo peculiar de expressá-lo, mas traduz perfeitamente o que deve acontecer. A pessoa talvez acabe por acreditar, simplesmente, que o fumo não tem quaisquer efeitos deletérios ou por adquirir tantos 'conhecimentos' sobre os bons efeitos do fumo que os aspectos nocivos tornar-se-ão desprezíveis. Se conseguir mudar o seu conhecimento de uma ou outra dessas maneiras, terá reduzido, ou mesmo eliminado, a dissonância entre o que faz e o que sabe.

Esse exemplo de Festinger inspirou experimentos posteriores com fumantes. Aronson, Wilson e Akert (2002) mencionam o caso dos fumantes inveterados que procuraram tratamento para abandonar o vício, conseguiram ficar sem cigarro por um período, mas acabaram retornando ao hábito de fumar intensamente. Mesmo conscientes dos perigos do tabagismo, como o risco de câncer e a necessidade de parar de fumar, eles, para reduzir a dissonância, buscaram convencer a si mesmos de que fumar não era tão prejudicial à saúde. Começaram a apresentar justificativas diversas, argumentando, por exemplo, que os estudos sobre o câncer não eram conclusivos, que o filtro do cigarro retinha grande parte da nicotina ou até mesmo citando exemplos de pessoas idosas que fumavam desde jovens (Harmon-Jones; Harmon-Jones, 2007).

O segundo exemplo é fornecido por Myers (2014, p. 126), que relata como parte dos norte-americanos inicialmente apoiava a guerra no Iraque em 2003, acreditando que era justificada para evitar o uso de armas de destruição em massa pelo regime de Saddam Hussein. No entanto, quando tais armas não foram encontradas, "a maioria favorável à guerra experimentou dissonância, a qual foi intensificada por sua consciência dos custos financeiros e humanos da guerra". Para reduzir essa dissonância, eles revisaram seus argumentos e começaram a afirmar que a guerra visava libertar o povo oprimido de um governo tirânico e genocida, estabelecendo as bases para um Oriente Médio mais pacífico e democrático.

Ao longo dos anos, diversas pesquisas e experimentos foram conduzidos sobre a temática, mas a concepção original de Festinger continua a ser central: os seres humanos adotam várias estratégias para reduzir ou eliminar a dissonância cognitiva, pois procuram evitar a incoerência ou inconsistência (Harmon-Jones; Harmon-Jones, p. 13). Além de buscar novas informações e justificar suas crenças e ações para reduzir o desconforto, as pessoas também buscam preservar sua autoimagem positiva e autoestima (Gleitman; Fridlund; Reisberg, 2003). A mudança de atitude ou comportamento pode se manifestar de várias maneiras diante da dissonância cognitiva. Uma pessoa pode ajustar seus argumentos para manter a consistência entre opiniões contraditórias ou ignorar elementos cognitivos dissonantes. Ela pode selecionar seletivamente informações que justifiquem sua ação e reduzam a dissonância, ou até mesmo agir de forma inconsistente com suas crenças apenas para aliviar a tensão entre cognições incompatíveis (Davidoff, 2001, p. 360). Em suma, as pessoas tendem a alinhar suas atitudes com seus comportamentos anteriores para buscar coerência e justificar suas escolhas.

Essa breve exposição é suficiente para destacar a essência dessa teoria, que postula que os seres humanos agem para reduzir ou eliminar a dissonância que surge quando têm duas opiniões contraditórias. É evidente como esse fenômeno influencia ou distorce o processo de tomada de decisão, uma vez que a necessidade de manter a coerência e preservar a autoimagem pode levar a atitudes que nem sempre são as mais racionais, muitas vezes resultando em comportamentos simulados, marcados pela insinceridade ou hipocrisia (Myers, 2014, p. 126). A teoria desenvolvida por Festinger revela que quanto mais uma pessoa está comprometida com uma ideia ou crença, mais difícil é abandoná-la, mesmo diante de evidências em contrário. Mesmo quando confrontada com razões que questionam sua decisão, a tendência é apresentar novas informações para justificar seu pensamento ou comportamento. Nesse contexto, uma máxima de Pensées Joubert, citada por Myers (2014, p. 178), ressoa: "aqueles que nunca voltam atrás em suas opiniões amam mais a si mesmos do que à verdade".

Diante do exposto, a teoria da dissonância cognitiva, baseada na psicologia social, oferece uma visão útil para entender como as pessoas lidam com crenças contraditórias. Os resultados dos *corpora* mostram que as pessoas tendem a ajustar suas atitudes para evitar essa dissonância, preferindo mudar suas ações ou buscar informações que confirmem suas crenças anteriores. Isso destaca a importância da coerência cognitiva e como as pessoas priorizam a manutenção dessa coerência, mesmo em face de evidências contraditórias. Essa análise revela como a dissonância cognitiva influencia o comportamento humano e destaca a necessidade de compreender e lidar com esse fenômeno em diferentes contextos sociais.

O estádio do espelho de Jacques Lacan, por outro lado, oferece uma perspectiva psicanalítica para entender a formação da identidade e da autoimagem, corroborando os *corpora* apresentados anteriormente. Nesse sentido, "basta compreender o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, é a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem" (Lacan, 1998). Assim, na formação do eu, o momento inicial é marcado pelo reconhecimento da própria imagem no espelho, representando uma mediação entre o interno e o externo. Essa imagem especular é fundamental para a vivência do eu como próprio, sendo o eu inicialmente uma imagem que será mais desenvolvida nos seminários posteriores de Lacan, no qual ele articula os três registros: real, simbólico e imaginário. Consoante Lacan (1998, p. 96) observa:

> Este ato, com efeito, longe de se esgotar, como no caso do macaco, no controle – uma vez adquirido – da inanidade da imagem, logo repercute, na criança, uma série de gestos em que ela experimenta ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu meio refletido, e desse complexo virtual com a realidade que ele reduplica, isto é, com seu próprio corpo e com as pessoas, ou seja, os objetos que estejam em suas imediações.

Lacan sugere que a relação da criança com a realidade é virtual, similar à sua imagem no espelho. Esse momento da imagem especular é fundamental, antecedendo a identificação com o outro e iniciando todas as identificações futuras. Quer dizer, assim como a criança no Estádio do Espelho, que começa a formar sua identidade ao reconhecer sua imagem, os indivíduos são influenciados pelo discurso político de líderes como JMB. É nesse sentido que para Lacan, o estádio do espelho permite especificar o momento original no qual, a criança estabelece diferenciação entre o seu corpo e o mundo exterior;

> É a aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda sua vida de fantasia. (...) E é aí que a imagem do corpo da ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu. (Lacan, 1945/1986, p. 96).

O discurso político funciona como um "espelho" no qual as pessoas podem se ver refletidas e identificar suas próprias ideias e crenças. No entanto, assim como no Estádio do Espelho, essa identificação pode ser ilusória e não necessariamente refletir a verdadeira identidade do sujeito. Acerca disso, Lacan (1998, p. 97) sustenta:

> Basta-nos compreender o estádio de espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a analise dá a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*.

Conforme citado, o estádio do espelho também está relacionado à construção da realidade do sujeito. Para Lacan:

> o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (...) o estádio do espelho inaugura, pela identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (...) a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas. (Lacan, 1949/1998, pp. 100-101).

Assim como a criança pode se sentir alienada de sua imagem no espelho, os indivíduos podem se sentir alienados da realidade devido aos discursos políticos negacionistas. Esses discursos podem distorcer a percepção da realidade e levar as pessoas a adotarem visões de mundo que estão desconectadas dos fatos objetivos. Dessa maneira, a dissonância cognitiva é discutida em relação à forma como as pessoas lidam com crenças contraditórias, preferindo ajustar suas atitudes para manter a coerência cognitiva. Por outro lado, a teoria do estádio do espelho de Lacan é apresentada como uma perspectiva psicanalítica para compreender a formação da identidade e autoimagem. Lacan enfatiza que o reconhecimento da própria imagem no espelho é crucial para a construção do eu, antecedendo a identificação com o outro e influenciando todas as identificações futuras. Logo, as análises corroboram como o discurso político pode funcionar como um "espelho" para as pessoas se identificarem, embora essa identificação possa ser ilusória, levando à alienação da realidade.

Deslocando, agora, para a discussão sobre o papel dos meios de comunicação (**veículo**) na disseminação da infecção discursiva destaca-se as novas compreensões sobre os efeitos das mídias no comportamento humano, como destacado pelo pesquisador Marshall McLuhan. Seu interesse pelo estudo dos fenômenos midiáticos resultou em uma série de obras visionárias que ofereceram uma perspectiva inovadora sobre a influência das tecnologias de comunicação na sociedade. Em *Os meios de comunicação como extensões do homem* (1964), McLuhan explora como os meios moldam o comportamento social, argumentando que o meio é a própria mensagem e que as tecnologias funcionam como extensões do ser humano, tanto fisicamente quanto sensorialmente. Ele sugere que cada nova forma de comunicação cria um novo ambiente, que por sua vez dá origem a

uma nova cultura. Essas mudanças têm um impacto profundo em diversos aspectos da sociedade, conforme McLuhan (1964, p. 20) destaca:

> Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio — ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos — constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos.

Na obra, é exemplificada a influência da estrada de ferro como um meio de comunicação, destacando suas transformações na estruturação das cidades, empregos e atividades de lazer. O autor argumenta que a maneira como esse meio é utilizado em suas diversas aplicações pode ser considerada como a própria mensagem ou conteúdo. Ele enfatiza a importância do meio, definindo-o como a mensagem em si, ressaltando que "o meio é a mensagem", pois é o meio que molda e determina a natureza das interações humanas (McLuhan, 1964, p. 23).

> Este fato apenas serve para destacar o ponto de que "o meio é a mensagem", porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. O conteúdo ou usos desses meios são tão diversos quão ineficazes na estruturação da forma das associações humanas. Na verdade, não deixa de ser bastante típico que o "conteúdo" de qualquer meio nos cegue para a natureza desse mesmo meio.

McLuhan (1964) enfatiza que a forma como um meio é usado, independentemente de sua finalidade, não determina diretamente como a sociedade se adapta a ele. Ele argumenta que é o próprio meio que impulsiona mudanças, muitas vezes de forma imperceptível, enquanto nos ilude sobre sua verdadeira natureza disruptiva. Para McLuhan, o processo de mudança ocorre em um contexto de fragmentação, no qual a mecanização conduz a uma constante segmentação e estilhaçamento, resultando em mudanças no comportamento humano. Os meios de comunicação (X, Instagram, WhatsApp, Facebook, etc.), segundo ele, não apenas moldam nossa percepção do mundo, mas também influenciam nossa forma de agir e interagir com ele. Assim, os discursos negacionistas veiculados pelos meios de comunicação durante a crise da COVID-19 podem ser entendidos como uma extensão desse poder comunicativo, exercendo impacto sobre as percepções e ações das pessoas.

McLuhan (1964) introduz também o conceito de "Meios Quentes e Frios" para distinguir diferentes tipos de mídias com base no nível de envolvimento da audiência, determinando sua "temperatura". Meios considerados de baixa resolução ou frios requerem que a audiência complete informações durante seu uso, enquanto os de alta resolução ou quentes exigem menos esforço de compreensão.

> Há um princípio básico pelo qual se pode distinguir um meio quente, como o rádio, de um meio frio, como o telefone, ou um meio quente, como o cinema, de um meio frio, como a televisão. Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em "alta definição". Alta definição se refere a um estado de alta saturação de dados. Visualmente, uma fotografia se distingue pela "alta definição". Já uma caricatura ou um desenho animado são de "baixa definição", pois fornecem pouca informação visual, O telefone é um meio frio, ou de baixa definição, porque ao ouvido é fornecida unia magra quantidade de informação. A fala é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchida pelo ouvinte. De outro lado, os

> meios quentes não deixam muita coisa a ser preenchida ou completada pela audiência. Segue-se naturalmente que um meio quente. como o rádio, e um meio frio, como o telefone, têm efeitos bem diferentes sobre seus usuários.

McLuhan exemplifica com a fotografia, considerada um meio quente devido à sua alta saturação de dados, e o telefone, classificado como meio frio, pois demanda que o ouvinte complemente as informações. Meios frios tendem a ser mais imersivos, exigindo maior concentração da audiência. No entanto, essa classificação não é estática, e os meios podem mudar de temperatura. McLuhan ilustra essa dinâmica com a evolução dos hieróglifos para o alfabeto fonético, demonstrando como um meio frio pode se tornar mais quente ao adotar recursos visuais mais elaborados. Essas variações na temperatura dos meios podem resultar em estados de superaquecimento, evidenciados pela diminuição do envolvimento da audiência em um meio quente. A interação entre meios quentes e frios pode reverter essa situação.

De acordo com as perspectivas de McLuhan (1964), as mídias sociais que veiculavam a infecção discursiva poderiam ser classificadas como "Meios Quentes e Frios" com base em seu nível de envolvimento da audiência. Mídias que exigiam maior participação ativa do público para completar informações seriam "Meios Frios", enquanto plataformas de redes sociais que ofereciam conteúdo de fácil consumo e interação rápida seriam "Meios Quentes". Essa distinção é fundamental para compreender como diferentes tipos de mídias influenciam a disseminação de discursos negacionistas durante crises sanitárias e políticas.

Considerações finais

Antes de mais nada, é importante ressaltar com bastante clareza que, embora nossa pesquisa tenha utilizado como corpora os discursos de JMB, bem como sua imagem, e outros *corpora* em contexto de polarização política, o presente estudo não contém posicionamento político. O que defendemos é a *tese* **metafórica** de que o discurso negacionista de um chefe de estado age de forma análoga a uma doença infectocontagiosa. Assim, nossa análise se baseia na compreensão de que todo ser humano pode ser infectado por algum tipo de discurso, sendo portador de algum discurso crônico, e que essa infecção discursiva pode gerar consequências significativas na saúde mental e social da população. Portanto, é fundamental abordar essa questão de forma interdisciplinar, considerando tanto aspectos políticos quanto de saúde pública, para promover informações precisas e mitigar os impactos nocivos da desinformação.

Então, com base nos efeitos introdutórios, metodológicos, resultados e discussão, afirmamos nossa *tese*, todo ser humano pode ser infectado por algum tipo de discurso; todo ser humano pode vir a ser infectado por qualquer tipo de discurso, todo ser humano é portador de algum discurso crônico. Nesse sentido, todo ser humano que, no ato de suas praticas sociais de interação, pode ser acometido por algum discurso negacionista ou de ódio.

Considerando as variáveis epidemiológicas e a analogia entre o discurso negacionista e uma doença infectocontagiosa, podemos concluir que o discurso de um líder político desempenha um papel semelhante ao de um **agente etiológico**. Sua capacidade de semear dúvidas, desconfiança e hostilidade em relação às medidas de saúde pública e à ciência estabelecida é equivalente à **patogênese** de uma infecção, afetando não apenas a percepção coletiva, mas também a resposta à emergência sanitária. Os **sinais** e **sintomas** da infecção discursiva incluem estresse emocional, alienação social, insanidade temporal e desespero, evidenciando os efeitos adversos na saúde mental e social da população. Sua incidência pode ser observada pela disseminação de ideias

negacionistas, enquanto sua prevalência é medida pelo número de indivíduos afetados e pela extensão de sua influência na sociedade. Ver quadro 2.

Quadro 2 – Analogia entre a Infecção Discursiva e uma Doença Infectocontagiosa: Uma Análise das Variáveis Epidemiológicas.

Variáveis epidemiológicas	**Doença**	
Patologia	Deriva do grego ***páthos*** para sofrimento e ***logos*** para ciência: investigação da infecção discursiva.	
Agente etiológico	Ao fazer uma analogia entre o **discurso negacionista** a uma doença infectocontagiosa, estamos sugerindo que o discurso de um líder político desempenha a forma semelhante a um agente etiológico.	
Patogênese		O poder de **patogênese** da infecção discursiva reside na capacidade de **semear dúvidas**, **desconfiança** e até mesmo hostilidade em relação às medidas de saúde pública, como ignorar o isolamento social, à ciência estabelecida e às autoridades sanitárias.
Sinais e sintomas	Dos sinais e sintomas que uma pessoa com a infecção discursiva pode apresentar são: o **estresse emocional**, **alienação social**, **insanidade temporal**, desespero, **perda da consciência**.	
Incidência	A **incidência** da infecção discursiva em uma população durante a pandemia pode ser observada pela disseminação de ideias e discursos negacionistas	
Prevalência	A **prevalência** da infecção discursiva pode ser medida pelo número de indivíduos que adotam e propagam essas ideias negacionistas, bem como pela extensão de sua influência na sociedade.	
Frequência viral	A **frequência endêmica** ocorre quando o discurso negacionista é presente em pequenos grupos ou comunidades isoladas, muitas vezes relacionadas a crenças específicas ou desinformação localizada. Por outro lado, a **frequência epidêmica** é observada quando o discurso negacionista se espalha amplamente dentro de uma região ou país, afetando uma grande parte da população e gerando impactos negativos para a Saúde Pública. Finalmente, a **frequência pandêmica** ocorre quando o discurso negacionista atinge uma escala global, influenciando não apenas o Brasil, mas também outros países e regiões do mundo.	

<table>
<tr><td>Transmissão</td><td colspan="2">No contato direto, o agente etiológico (discurso) é transmitido de pessoa para pessoa através de interações físicas próximas, como conversas presenciais, abraços, apertos de mão e outros gestos de proximidade. Por exemplo, em eventos políticos, culturais e religiosos ou manifestações, no qual as pessoas se reúnem em grande número e compartilham opiniões, os discursos negacionistas podem ser disseminados diretamente de um indivíduo para outro.
Já no contato indireto, o agente etiológico é transmitido por meio de objetos contaminados, superfícies ou ambientes onde as ideias negacionistas são propagadas. Por exemplo, em redes sociais e meios de comunicação de massa, no qual discursos negacionistas são disseminados amplamente, as pessoas podem ser expostas indiretamente a essas ideias ao acessarem posts, vídeos ou notícias que as promovam.</td></tr>
<tr><td>Veículo</td><td>Os veículos de transmissão do agente etiológico da infecção discursiva podem incluir mídias digitais, como plataformas de redes sociais, sites de notícias e aplicativos de mensagens instantâneas, onde os discursos negacionistas são compartilhados e difundidos rapidamente. Esses veículos facilitam a disseminação das ideias negacionistas para um grande número de pessoas em um curto período de tempo, contribuindo para a propagação da infecção discursiva na população.</td><td></td></tr>
<tr><td colspan="3">Vetores</td></tr>
<tr><td>Vetor mecânico</td><td colspan="2">No contexto pandêmico da Covid-19, a Ultra direita assumiu característica de um vetor mecânico, ao materializar/transportar narrativas falsas (FakeNews) e promover o negacionismo.</td></tr>
<tr><td>Vetor biológico</td><td></td><td>Já os vetores biológicos da infecção discursiva referem-se a indivíduos que atuam como portadores e transmissores dos discursos negacionistas em interações sociais diretas.</td></tr>
</table>

Em relação à frequência, observamos padrões endêmicos, epidêmicos e pandêmicos, dependendo do alcance e da disseminação do discurso negacionista. O contato direto e indireto desempenha um papel crucial na transmissão, ocorrendo em eventos sociais, manifestações e nas mídias digitais, onde as ideias negacionistas são compartilhadas e difundidas. Os veículos de transmissão, como as redes sociais e os sites de notícias, facilitam a propagação das ideias negacionistas para um grande número de pessoas, enquanto a ultra direita política atua como um vetor mecânico, transportando e promovendo narrativas falsas, como as Fake News. Por sua vez, os vetores biológicos são os indivíduos que atuam como portadores e transmissores dos discursos negacionistas em interações sociais diretas.

Um outrossim, os resultados apresentados sugerem que a disseminação da infecção discursiva se interliga diretamente à cognição humana e ao papel dos meios de comunicação na sociedade contemporânea. A teoria da dissonância cognitiva oferece um arcabouço conceitual para entender os sinais e sintomas da infecção discursiva. Conforme discutido, a dissonância cognitiva surge quando indivíduos enfrentam pensamentos ou crenças contraditórias sobre um assunto relevante. Nesse contexto, os resultados (figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7) mostram que a exposição a discursos negacionistas pode desencadear uma dissonância cognitiva, especialmente quando confrontados com informações que contradizem suas crenças anteriores.

Na sequência, os resultados também sugerem que as pessoas adotam várias estratégias para reduzir ou eliminar a dissonância cognitiva. Isso inclui reinterpretar as informações para justificar suas crenças existentes, buscar informações que confirmem suas opiniões anteriores e até mesmo ignorar ou rejeitar informações que contradigam suas convicções. Essas estratégias são consistentes com a teoria da dissonância cognitiva e destacam a importância da coerência cognitiva na tomada de decisões e na formação de opiniões.

Além disso, a discussão sobre os meios de comunicação, especialmente a classificação de "Meios Quentes e Frios" proposta por McLuhan, é fundamental para entender como a infecção discursiva é disseminada. Os resultados sugerem que plataformas de redes sociais, consideradas meios quentes devido ao seu alto envolvimento da audiência e à rápida disseminação de informações, desempenham um papel significativo na propagação de discursos negacionistas. Por outro lado, outras formas de mídia que exigem maior participação ativa do público, como jornais e revistas, podem ter um impacto diferente na disseminação da infecção discursiva.

Além disso, os resultados também indicam que os meios de comunicação podem se adaptar e mudar de temperatura ao longo do tempo. Por exemplo, uma plataforma de redes sociais pode evoluir para se tornar mais imersiva e exigir menos esforço de compreensão, transformando-se de um meio frio para um meio quente. Essa adaptação dos meios de comunicação pode influenciar a forma como a infecção discursiva é disseminada e absorvida pela audiência.

Em suma, a análise detalhada dos resultados em relação à discussão sobre cognição e meios de comunicação destaca a complexidade do fenômeno da infecção discursiva e ressalta a importância de abordagens interdisciplinares para compreender sua natureza e impacto na sociedade contemporânea. Dessa forma, é fundamental compreender o discurso negacionista como uma infecção discursiva que exige uma abordagem interdisciplinar para sua prevenção e controle, destacando a importância da comunicação política e da saúde pública na promoção de informações precisas e na mitigação dos impactos nocivos da desinformação.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Biblioteca de autores clássicos. Branca Vilallonga (Departamento Editorial da INCM), 2005.

ARONSON, Elliot; WILSON, Timothy D.; AKERT, Robin M. **Psicologia Social**. 3ª ed. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: LTC, 2002, p. 115 e 116.

BRASIL. **COVID19**: Painel Coronavírus. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: https://covid.saude.gov.br/. Acessado em: 23 nov. 2023.

CAPITAL, Carta. VÍDEO: Bolsonaristas comemoram falsa prisão de Alexandre de Moraes em Porto Alegre. **Carta Capital**, 2022. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/video-bolsonaristas-comemoram-falsa-prisao-de-alexandre-de-moraes-em-porto-alegre/. Acessado em: 07 abr. 2024.

CARDOZO, Manoela. 'Patriota do caminhão': bolsonarista que viajou pendurado fala sobre vídeo que viralizou. **Diário de São Paulo**, 2022. Disponível em: https://spdiario.com.br/noticias/politica/patriota-do-caminhao-bolsonarista-que-viajou-pendurado-fala-sobre-video-que-viralizou.html. Acessado em: 08 abr. 2024.

CORREIO Braziliense Acervo. Bolsonaro diz estar bem e que foi tratado para covid-19 com cloroquina: "Reação quase imediata". **Correio Braziliense Acervo**, 2020. Disponível: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/07/interna_politica,870076/bolsonaro-diz-estar-bem-e-que-foi-tratado-para-covid-19-com-cloroquina.shtml. Acessado em: 07 abr. 2024.

DA SILVA ANDRADE, Flávio. A dissonância cognitiva e seus reflexos na tomada da decisão judicial criminal. **Revista brasileira de direito processual penal**, v. 5, n. 3, p. 1651-1677, 2019.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. 3ª ed. Trad. de Lenke Peres. São Paulo: Pearson Madron Books, 2001, p. 360.

DE MACÊDO JÚNIOR, Adriano Menino *et al*. O DISCURSO NEGACIONISTA NO DESGOVERNO BOLSONARO COMO "INFLUENCIADOR" DA MORTALIDADE PELA COVID-19: UM PARALELO ENTRE A BIOPOLÍTICA E A NECROPOLÍTICA. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 15, n. 45, p. 541-576, 2023.
FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola editorial, 2006.
FERNANDES, Daniela. Grupos antimáscaras provocam agressões na Europa e unem extremas esquerda e direita. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53760888. Acessado em: 07 abr. 2024.
FESTINGER, Leon. **Teoria da dissonância cognitiva**. Trad. de Eduardo Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
GLEITMAN, Henry; FRIDLUND, Alan J.; REISBERG, Daniel. **Psicologia**. 6ª ed. Trad. de Danilo R. Silva. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
HARMON-JONES, Eddie; HARMON-JONES, Cindy. Cognitive dissonance theory after 50 years of development. **Zeitschrift für Sozialpsychologie**, v. 38, n. 1, p. 7-16, 2007.
IDOETA, Paula Adamo. A história de Bolsonaro com a hidroxicloroquina em 6 pontos: de tuítes de Trump à CPI da Covid. **BBC News Brasil**, 2021. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743. Acessado em: 07 abr. 2024.
JARCHO, Johanna M., Elliot T. BERKMAN; MATTHEW D. Lieberman. The neural basis of rationalization: cognitive dissonance reduction during decision-making. **Social cognitive and affective neuroscience**, v. 6, n. 4, p. 460-467, 2011.
LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In*: Jacques LACAN, Jacques. **Escritos**. (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1966), 1998.
LACAN, Jacques (1945). **O Seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar editor, 1986.
LIMA, Greyce. Homem recusa usar máscara, agride funcionária de loja e vai preso. **Policia militar de Mato Grosso**, 2020. Disponível em: https://www.pm.mt.gov.br/-/14452544-homem-recusa-usar-mascara-agride-funcionaria-de-loja-e-vai-preso. Acessado em: 07 abr. 2024.
MARQUES, Heitor Romero; MANFROI, José; CASTILHO, Maria Augusta; NOAL, Miriam Lange. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. 4 ed. ampl. atual. Campo Grande: UCDB, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/adria/OneDrive/ACADEMICO/UERN%20LETRAS/MONITORIA%20METODOLOGIA%20CIENTIFICA%202021.2/LIVROS%20METODOLOGIA/LIVRO_Met.Pesq.Trab.Cient._Heitor_et-al.pdf. Acessado em: 10 dez. 2023.
MARTINS, Cid. VÍDEO: bolsonaristas comemoram prisão "fake" de Alexandre de Moraes durante ato em Porto Alegre. **GZH**, 2022. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2022/11/video-bolsonaristas-comemoram-prisao-fake-de-alexandre-de-moraes-durante-ato-em-porto-alegre-cl9yp281500an0170d9qn6lap.html. Acessado em: 07 abr. 2024.
MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.Disponível em: https://docplayer.com.br/24177604-Capa-marshall-mcluhan-os-meios-de-comunicacao-como-extensoes-do-homem-understanding-media.html. Acesso em: 11 abr. 2024.
MYERS, David G. **Psicologia Social**. 10ª ed. Trad. de Daniel Bueno, Maria Cristina Monteiro e Roberto Cataldo Costa. Rio de Janeiro: AMGH Editora, 2014.

NEVES, David Pereira; LANE DE MELO, Alan; LINARDI, Pedro Marcos; ALMEIDA VITOR, Ricardo W. **Parasitologia humana** / David Pereira Neves. 13. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2016.
PODER360. Bolsonaristas fazem atos contra medidas de restrição em pelo menos 4 Estados. **Jornal Poder360**, 2021. Disponível em: https://www.poder360.com.br/brasil/bolsonaristas-fazem-atos-contra-medidas-de-restricao-em-pelo-menos-4-estados/. Acessado em: 08 abr. 2024.
TORTORA, Gerard J.; FUNKE, Berdell R.; CASE, Christine L. **Microbiologia**. tradução: Aristóbolo Mendes da Silva ... [*et al*.]; revisão técnica: Flávio Guimarães da Fonseca. – 10. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2012.
UOL Notícias. BOLSONARISTAS fazem ‘muro das lamentações’ em QUARTEL no Rio de Janeiro. **UOL Notícias**, 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/eleicoes/videos/?id=bolsonaristas-fazem-muro-das-lamentacoes-em-quartel-04024E993866C4897326. Acessado em: 08 abr. 2024.